



# LISBOA NOIR

O ANO LOUCO DE 1928

LUÍS CORTE REAL

AUTORES CONVIDADOS:

*SÓNIA LOURO & GERSON LODI-RIBEIRO*

*Este é para a Mel, a minha querida filha do meio.  
Porque cada vez que lia um conto, perguntava logo se havia outro.  
E, quando não havia, mandava-me escrever.*





ÍNDICE

— 11 —

O ANO LOUCO DE 1928

— 15 —

O HOMEM QUE BRINCAVA COM A BONECA

— 53 —

O SEM PAVOR E OS CORSÁRIOS DE D. PEDRO

— 77 —

ALGUNS LOUCOS E UNS QUANTOS DEMÓNIOS  
(conto de *Sónia Louro*)

— 99 —

O OUTRO LADO DE LISBOA

— 129 —

ENTRA O CARRASCO

— 143 —

O ESTRANHO CASO DA FILHA DO PAPÁ

— 179 —

AQUELA CABRA DO *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*



— 223 —

VOOS DE VINGANÇA E PESAR  
( conto de Gerson Lodi-Ribeiro )

— 251 —

O VELHO JARRETA QUE SABIA DE MAIS

— 267 —

ANEXOS:  
FAC-SÍMILE DE *FALCÃO LUSITANO* Nº 176

## O ANO LOUCO DE 1928

**B**em-vindos, damas e cavalheiros, bem-vindos à Lisboa de 1928! A capital do maior império da História — unindo os reinos de Portugal, Espanha e Brasil sob a regência serena e fidelíssima de D. Miguel III — recebe todos os visitantes de braços abertos.

Há os que chegam de paquete, entrando pela foz do Tejo, e que não podem deixar de se impressionar com o gigante de bronze, erguido sobre as fundações do antigo farol do Bugio. É a estátua de D. Miguel I, a cujos pés se deitam, obedientes, o leão inglês e a onça brasileira. Passando o monumento do *Pai da Nação* — que derrotou o irmão traidor numa sangrenta guerra civil —, entra-se no estuário do Tejo, com tantos navios como há estrelas no céu. Mas quem quer dar atenção aos navios provenientes dos quatro cantos do império se a cidade de Lisboa já arrebatou os sentidos de todas as criaturas impressionáveis? Um labirinto de belos arranha-céus, com o qual apenas Nova Iorque pode competir — mas sem lhe igualar a magnificência, a história e o charme —, estende-se ao longo da paisagem.

Também há os visitantes que chegam a Lisboa instalados num dos muitos dirigíveis que cruzam os seus céus luminosos. Vindos de toda a Península Ibérica, das colónias espalhadas pelos cinco continentes, das grandes cidades americanas ou das potências europeias, esses navios-aéreos olham Lisboa de cima para baixo, como o Altíssimo faz, sempre que abençoa a capital do Quinto Império. E com que visão magistral são recebidos! É certo que na margem sul do Tejo se encontra a maior favela do mundo, estendendo-se de Cacilhas à Trafaria, mas tudo é compensado pela cidade na margem norte, que, começando com o que resta da Baixa Pombalina junto ao rio, se ergue como um monumento em que cada edifício é um hino à beleza da arquitetura, à glória da civilização, ao vigor imparável da ciência, do progresso e da superioridade da alma lusitana.

Se os olhos pasmados desses visitantes deslizarem em direção a poente,

talvez tenham a felicidade de avistar Cascais, considerada a mais bela vila da Europa, com todos os seus chalés, casinos e hotéis, de um *glamour* apenas comparável a Sintra, vila que dorme à distância, embalada pelos nevoeiros da serra. Para sul, os nevoeiros são outros, mais escuros e carregados, vomitados pelas chaminés das fábricas de Almada e do Barreiro. Autênticas fábricas-metrópoles, podem ser sujas, mas são o pulmão industrial que faz bater forte o coração do império dos Três Reinos.

De dia, as ruas de Lisboa estão plenas de energia. Milhões de cidadãos, a pé, de automóvel, metro, comboio ou elétrico, atropelam-se para ganhar a vida. O sonho português toca todas as classes: os emigrantes chegados das colónias que procuram um sustento melhor; a classe média que deseja uma casa na Costa do Sol ou um automóvel novinho em folha; os grandes industriais, banqueiros e fazendeiros, cujos apertos de mãos fazem circular milhões de contos de réis; e, por último, até a aristocracia dos barões miguelistas e da própria Família Real: o rei D. Miguel III governa, a rainha Tatiana Romanova de Bragança sonha com o trono da Rússia e o infante conspira.

De noite, Lisboa não dorme. Abrem os *cabarets*, animam-se os casinos, agigantam-se multidões nos teatros e nos cinemas, formam-se filas para clubes, restaurantes e bares da moda. Os passeios apinhados, iluminados pelos néones coloridos, transformam-se em *passerelles* para as mulheres mais belas, os cavalheiros mais abastados e as vaidades mais extravagantes.

Mas nem tudo o que brilha em Lisboa são diamantes. Nos becos escuros pode refulgir a lâmina de uma navalha ou o cano de um revólver. Há quem diga que viver em Lisboa é como viver na orla de um vulcão — cheio até cima de polícias corruptos, republicanos pérfidos e espiões comunistas. A cidade está saturada de riquezas e oportunidades, mas também de vícios, mistérios e venenos.

Lisboa, quem te consegue resistir? Recebes todos de braços abertos, como uma meretriz que conhece cada segredo, cada fraqueza, cada pensamento mais íntimo do cliente com que se deita. Bem-vindos à cidade a que todos chamam *Capital do Mundo*, damas e cavalheiros, e ao ano mais louco de todos, o de 1928.



É impossível entrar na barra de Lisboa e não ficar rendido ao Colosso do Bugio. Construído sob o que foi outrora um farol, o colosso de bronze representa D. Miguel I, o *Pai da Nação*, a olhar para o Atlântico como o conquistador sábio e ponderado que foi.

Aos pés do monarca, estão, deitados e obedientes, uma onça e um leão. Se é verdade que o Brasil (representado pela onça) foi reconquistado por D. Miguel I e a Guerra do Ultimato contra os Ingleses (representados pelo leão) foi vencida pelo seu filho, D. Miguel II, a verdade é que esse glorioso triunfo só foi possível porque o filho herdou do pai um império preparado para todas as dificuldades e motivado para todas as vitórias, tal como Alexandre, o *Grande*, recebeu os exércitos macedónios e as estratégias visionárias de seu pai, Filipe II.



O  
HOMEM  
QUE  
BRINCAVA  
COM A  
BONECA



UM CASO DE ULISSES GARCIA,  
DETETIVE PRIVADO



Inaugurada em maio de 1928, a Grande Exposição do Império Ibérico, aberta pelos próprios monarcas quando se assinalava seis meses do falecimento de D. Miguel II, ocupa mais de cinquenta hectares do parque de Santa Maria dos Olivais, mesmo junto ao rio Tejo. No seu interior oferece mais de três mil expositores com produtos vindos de todo o império, do Brasil às Ilhas Marianas, vinte e cinco pavilhões independentes, vastas zonas de restauração e espaço de entretenimento, onde se destaca uma roda gigante e uma montanha-russa. A sua torre de atracação, com oitenta metros de altura, é a maior do mundo e foi projetada por Gustave Eiffel, um engenheiro francês há muito radicado em Lisboa. É a maior exposição alguma vez organizada por um Estado, e a sua dimensão espelha bem a glória dos Três Reinos.

JUNHO DE 1928

## CAPÍTULO 1

**E**la entrou no meu escritório com aquele andar de fêmea que procura problemas; e problemas era o que mais saltava à vista quando se lhe olhava para o decote magnânimo, por onde a massa do peito soberbo estalava, e para o bambolear das pernas que se cruzavam num andar de gata ao luar. Procurei olhá-la de uma forma misteriosa e fleumática, mas apenas pareci parvo.

— Procuo o Sr. Ulisses Garcia, o detetive privado — disse-me, detendo-se diante da secretária. As pestanas compridas batiam-lhe sobre os olhos emoldurados com *kohl*, a massa de cabelo escuro tombava-lhe pelo ombro nu como uma cascata espessa onde dava vontade de enterrar o rosto e focinhar como um bicho. Terei demorado um nadinha de mais a responder, mas tirei os sapatos de cima do tampo, coloquei-me em pé e disfarcei como pude o ar atarantado.

— Acabou de o encontrar, boneca — respondi, enfiando os dedos nos suspensórios. O facto de ter metade da altura da maioria dos meus clientes nunca causava aquela primeira impressão que os detetives das revistas baratas, sempre altos, espadaúdos e de resposta fácil, causam aos clientes que lhes batem à porta. Mas quando a vida nos dá limões, temos de aprender a espreme-los nos olhos dos outros; e, verdade seja dita, ser anão tem as suas vantagens numa cidade onde todos preferem olhar para o alto.

Ela nem tentou disfarçar a surpresa e olhou em redor como se, ao fazê-lo, pudesse desmanchar a partida que eu lhe estava a pregar. Mirou a parede atrás de mim, com a licença de detetive privado emoldurada, ao redor da qual a vaidade e um sentido fino do negócio me haviam feito pendurar alguns recortes de jornais com os meus principais casos. Preocupava-me o facto de a maioria deles ter mais de cinco anos, mas quem não se lembrava do rapto do menino Butragueño, do desaparecimento da mulher do industrial Sommer, ou do roubo do colar da baronesa de Queluz? A ventoinha

gemia preguiçosa no teto, os estores de ripas deixavam entrar as luzes dos dirigíveis que passavam baixo em direção à torre de atracação junto do Marquês de Pombal, e como o escritório apenas tinha mais um móvel-bar e um arquivo de aspeto entediante, os olhos dela tiveram de regressar a mim.

— É o Sr. Ulisses?

— Pensei que já tinha dito isso, boneca. Se esperava alguém mais alto, eu esperava alguém com melhor ouvido.

Ela levantou a mãozinha enluvada para se desculpar e perguntou se podia sentar-se. Eu acenei em silêncio e dirigi-me ao bar, onde servi dois *whiskies* com pedrinhas de gelo redondas. As reações à minha estatura haviam deixado de me incomodar há muitos anos, quando ganhara a alcunha de *tripé* no bordel onde trabalhara como moço de recados e pau para toda a obra. Se não sabem porque é que prostitutas bem-humoradas decidiriam chamar tripé a um homem, é porque têm pouca imaginação. Ela aceitou a bebida, como eu sabia que aceitaria, pois o ar felino que ostentava, soberbo e quente, apenas procurava disfarçar um medo frio que a consumia por dentro.

— O que posso fazer por si, menina...

— Valéria, Valéria do Rego.

— Hum...

Não lhe disse nada, mas temo que os meus olhos tenham dito tudo. Enquanto ela levava o copo aos lábios vermelhos como o pecado, tirei-lhe as medidas ao que conseguia ver. Por baixo do cacho pesado de cabelos, entrevi um crachá com o logótipo da Real Associação Industrial de Lisboa. Estava explicada a farpela justa àquela hora da tarde: ela era uma daquelas bonequinhas que sorriem como tontas nos pavilhões da Grande Exposição do Império Ibérico, ao lado das máquinas que testemunham o poderio industrial do reino. As turbas de fotógrafos que por lá andam apontam as objetivas aos modelos de turbinas e tratores, mas o que querem ver são as modelos de carne e osso. Aos fins de semana, os paizinhos de família, de mão dada às esposas, as crianças às cavalitas e expressões sonsas nos rostos, fazem o mesmo.

— Algo se está a passar comigo — acabou por dizer, cerrando os olhos. E, quando o fez, podia jurar que tudo em redor pareceu escurecer.

— Consegue ser mais específica, menina Rego?

— Não sei o que é, mas ando a fazer coisas de noite de que não me recordo quando desperto...

Detive-me com o copo a meio caminho da boca. Lá em baixo, na maldita Avenida da Liberdade, passaram umas sirenes que, até ali, num oitavo andar, pareciam furiosas. Os motores de um dirigível que rasou a cobertura do prédio agitaram as garrafas no bar. Eu já estava habituado, mas ela não, o que a fez sobressaltar-se.

— Querida — disse-lhe, quando se recompôs. — Leu bem o que está escrito ali no vidro fosco da porta, certo?

Hesitou, temendo uma armadilha.

— Ulisses Garcia?

— Refiro-me ao que está por baixo. Não diz doutor nem alienista, diz *detetive privado*. Por mais interessantes que sejam as coisas que faz de noite, e a título pessoal adoraria indagar isso melhor, como profissional, devo informá-la de que apenas investigo crimes e não casos clínicos.

— Não estou louca — disse-me, levantando a negra cortina das pestanas e fulminando-me com o olhar. Daquela larga pupila soltou-se um clarão, uma influência, como a do sol do meio-dia no deserto que abrasa e vagamente entristece.

Não respondi, pois a voz sai-me estranha quando tenho uma ereção.

— Há uma semana, acordei de madrugada e estava na minha cama, desnuda, com um homem a arfar em cima de mim.

Como o silêncio dela se arrastou, perguntei:

— Devo deprender que há algo de estranho nisso?

— Não conheço aquele homem, não o convidei para minha casa, nunca aceitaria deitar-me com ele...

— A menina ficaria surpreendida com o que se faz quando se bebem uns copos a mais.

— Tinha vindo do trabalho naquele dia, Sr. Ulisses. Não bebera nada, nem uma gota.

— E perguntou a esse visitante como foi parar ao seu quarto? Ele devia lembrar-se.

— Não perguntei! Devo ter voltado a adormecer.

— Hum...

Não sei se sabem, mas pela porta de um detetive privado entram os tipos mais estranhos de pessoas. E eu devo ter alguma espécie de magneto que os atrai como moscas. Uma vez apareceu-me um antiquário rabeta que, quando estava sozinho, jurava ouvir vozinhas dentro de um relógio de pêndulo e queria que eu descobrisse se eram liliputianos do sexo masculino ou do sexo feminino — até tenho medo de pensar na razão; de outra

vez foi uma vidente de turbante que me visitou em pleno verão a jurar que lhe iam roubar as joias na noite de Natal e queria que eu descobrisse atempadamente quem seria. A tentação de aceitar o dinheiro desses papalvos é grande, até porque pagam sem vacilar, mas depois não nos largam as canelas, as notícias espalham-se e ficamos com uma fama esquisita.

— Mas voltou a acontecer esta noite — disse ela, num sopro, enquanto puxava de um cigarro que me apressei a acender.

— Voltou a despertar com um homem que nunca tinha visto em cima de si e depois adormeceu?

— Eu não disse que *nunca* o tinha visto.

— Então sabe quem é ele?

— Neste momento estou a trabalhar na Grande Exposição. E desde o primeiro dia em que abriu, vejo-o a circular na multidão. Não larga o pavilhão da Associação Industrial e mal desvia os olhos de mim, mirando-me de forma repulsiva, lambendo os beiços como um cão, é nojento. Já me queixei ao meu superior, mas ele é um idiota e ordenou-me que sorrisse para todos.

A carinha dela enquanto falava desfigurou-se tanto que até eu senti nojo do homem misterioso. Mas a verdade é que uma beldade daquelas devia estar habituada a parar o trânsito, a ouvir buzínadelas e piropos porcos a cada esquina, a ser despida por todo o tipo de olhares rebarbados. Era o que eu lhe estava a fazer.

— Oiça, docinho, se a atenção desse pervertido a incomoda tanto, é normal que tenha pesadelos. Vou dar-lhe um conselho e nem terá de me pagar cheta: antes de se deitar, tome um calmante, beba um *gin* e tudo passa — disse-lhe, levando o copo aos lábios e certo de que o caso estava resolvido.

— Não é um pesadelo, Sr. Ulisses, é bem real — respondeu-me, soprando para o alto uma nuvem de fumo que, tal como ela, tinha curvas acentuadas. — É tão real aquele homem ter estado na minha cama como eu estar aqui, sentada a falar consigo.

Inspirei fundo. Se ela fosse uma megera feia, expulsava-a sem hesitar. Mas a tipa era como uma deusa grega apertada dentro de uma farda institucional, e eu não tinha nada melhor para fazer. No fundo, aquilo até podia ser o início de uma bela amizade. Felizmente ela continuou, pois, se eu falasse, a minha voz ia soar esquisita.

— Quando acordei hoje de manhã, o quarto estava todo arrumadinho, como da outra vez. Nem sinal de que ele lá tinha estado.

Não a interrompi para lhe dizer que não estava surpreendido. Deixei-a falar. E então ela surpreendeu-me.

— Só uma coisa estava errada, um pormenor que prova que não sonhei e que ele esteve mesmo lá...

Levantei as sobrancelhas. São espessas, dizem que, quando faço isto, nem preciso de abrir o bico.

— Ele vestiu-me as calcinhas ao contrário.

— *As calcinhas ao contrário...* — repeti, antes mesmo de perceber que o tinha feito. Isto há coisas...

— Exatamente.

— Essa é a sua prova?

— Não preciso de outra.

— Não havia umas ceroulas dele no chão, uns pelinhos perdidos no chuveiro, um relógio de homem esquecido no aparador?

O olhar dela voltava a fulminar-me e desta vez soprou na minha direção, atingindo-me com uma espécie de flecha de fumo que me abrasou os olhos e a garganta. Foi os diabos para não tossir.

— Apenas as calcinhas, Sr. Ulisses.

— Menina Rego, se eu tivesse uma moeda por cada vez que visto as ceroulas ao contrário...

Ela levantou-se sem pressa. Como se o rosto e o peito soberbo tivessem tomado um ascensor lento, as curvas das ancas começando a espripar por cima do tampo da secretária; raios, ela era alta! Com o cigarro entre os lábios, levou as luvinhas à borda do vestido e começou a subi-lo, mostrando-me as coxas, as ligas que lhe seguravam as meias e, por fim, as calcinhas. O vestido não deve ter demorado mais de quatro ou cinco segundos a subir, mas agora percebo o sábio — acho que um tal Tesla —, que afirma que o tempo é relativo. Eu confirmo! Naqueles segundos todo o meu corpo formigou, dos dedinhos dos pés que encolhi dentro dos sapatos, às sobrancelhas que me subiram outra vez e lá ficaram, a meio da testa. Prendi a respiração sem dar conta, a minha temperatura deve ter aumentado alguns graus, estou certo de que um médico coçaria a cabeça azamboado se me estivesse a examinar naquele momento. Ali estavam as famosas calcinhas, em cor de pele; eu pensava que sempre as preferira negras ou vermelhas, mas não, descobria agora que aquela era a minha cor de eleição. Eram transparentes o suficiente para ver que estava rapadinha por baixo, e tão justas que exibiam aquelas duas bossas que deixam os homens estúpidos. No alto, mas não tão alto assim, pois eram apenas uma

amostra de calcinhas, tinha três medalhinhas do tamanho de moedas de mil-réis penduradas na costura. Àquela distância não percebi as figuras que exibiam, e ainda que gostasse de me aproximar para as inspecionar, não arrisquei mexer um músculo.

— Está a ver estas três medalhas?

Acenei afirmativamente e não abri o bico pelas razões que conhecem.

— Estavam viradas para dentro, a arranhar-me a pele quando despertei. Não preciso de lhe explicar que nenhuma mulher vestiria a peça dessa forma; e, fazendo-o, bastariam segundos para notar o engano. — Começou a puxar o vestido para baixo enquanto bamboleava os quadris para facilitar, e eu tentei, em vão, travar-lhe o movimento com a força do meu olhar. De seguida, sentou-se, sacudiu a cinza do cigarro no meu cinzeiro em forma de sapo com a boca aberta, e olhou-me desafiante.

— E o que é que pretende exatamente que eu faça, menina Rego?

— Que passe os próximos dias na exposição e, ao final da tarde, me siga até casa. Que descubra como é que aquele canalha consegue fazer o que faz.

Uns dias de trabalho a seguir uma mulher bonita até casa; já fizera sacrifícios maiores. Disse-lhe quanto é que teria de cobrar por dia, ao que acrescentiam as despesas. Ela abriu a bolsinha, daquele tipo minúsculo que as mulheres conseguem que sejam maiores por dentro do que por fora, e puxou de uma carteira vermelha de onde tirou o suficiente para três dias de trabalho.

— Sabe onde se localiza o expositor da Real Associação Industrial de Lisboa? — perguntou, depois de me virar as costas e se aproximar da porta, os seus quadris de égua nervosa, que o vestido azul justo apertava como uma segunda pele, enfeitando-me o olhar e o entendimento.

— Sim! Hum... Não... Bem, não se preocupe, boneca, lá estarei, para ficar de olho em si.

Valéria sorriu sem mexer os lábios e fechou a porta de mansinho. Eu fiquei a olhar para o vulto dela a desaparecer do outro lado do vidro fosco, ouvi-a descer no ascensor, e, mesmo assim, não me mexi por um bom bocado.

## CAPÍTULO 2



otimismo científico do último século teve um efeito que não lembra ao diabo: permitiu que os homens acreditassem que o Reino dos Céus estava prestes a ser instaurado na Terra. Eu não partilho

desse otimismo e acredito que o bicho-homem está sempre a um passo de vestir peles e regressar às cavernas. Se um dia acordo mais magnânimo e inclinado a simpatizar com o género humano, basta uma visita ao bairro chinês ou filipino na margem sul, e logo ganho juízo. É por isso que não me impressionam as manifestações que celebram as virtudes do progresso. Nem quando o tema é patriótico, como a Grande Exposição do Império Ibérico. Inaugurada por D. Miguel III há um mês, ocupa mais de cinquenta hectares do parque de Santa Maria dos Olivais, mesmo junto ao rio. Não contava colocar lá os pés, mas, *voilà*, como dizem os Ingleses, ali estava eu.

Pouco passava das dez da manhã quando o elétrico de três carruagens amarelas, num troar de campainhas e chocalhar de carretas, me deixou diante da entrada faraónica. A mim e a uma multidão de olho vidrado e sorriso parvo nos lábios. Para muita gente, acotovelar-se no meio de uma turba agitada, com sanitários malcheirosos e acesso dificultado a uma bebida decente, é sinónimo de um dia bem passado. Depois de uma fila ao sol para comprar um bilhete diário — estupidamente caro, mas ia para a conta da menina Rego —, ainda apanhei um funcionário que achou piada perguntar-me se era um bilhete para adulto. Com o papelinho na mão e o *fedora* inclinado para trás, já suando as estopinhas, vi-me a fazer parte de um rebanho que foi encaminhado, por uns tipos fardados e sorridentes, em direção ao imenso arco do triunfo que marcava a entrada da feira. No interior do recinto, com o vento a agitar os pendões dos reinos de Portugal, Espanha e Brasil, e os altifalantes a encher o ar de uma fanfarra animada, a coisa não pareceu tão má; era dia de semana, dava para respirar, mas nunca me apanhariam ali num fim de semana, quando o espaço ficava à pinha e todos se pisavam sem distinção de classe — *dandies* emproados, famílias de operários com criancinhas a lamber gelados, e até emigrantes chins e latinos a arrastar as suas misérias. As brochuras que distribuía à entrada, num cartãozinho grosso e colorido, exaltavam os três mil expositores com produtos vindos de todo o império, do Brasil às Ilhas Marianas, os vinte e cinco pavilhões independentes, as zonas de restauração e o espaço de entretenimento, com uma roda gigante, a montanha-russa e todas essas tretas que o pessoal que se julga atrevido gosta de experimentar. O que mais me impressionou acabou por ser a torre de atração, uma estrutura com oitenta metros de altura, toda em ferro, ainda a brilhar de nova, que o textinho dizia ter sido o último projeto de um tipo chamado Eiffel, e onde dois dirigíveis *Santos-Dumont* estavam amarrados a largar passageiros. Do alto daquela torre branca e vermelha podia-se partir para os quatro cantos

do mundo; mas eu, ali, especado a olhar para o alto, apenas queria saber onde ficava o expositor da bonequinha que me pagava para a mirar.

Quando percebi que a Real Associação Industrial de Lisboa estava instalada no Palácio da Indústria, um colosso de ferro e vidro no centro da exposição, optei por atalhar pelo Edifício do Governo, que se encontrava mais vazio e me poupava o escaldar do sol. A sua galeria principal, como não podia deixar de ser, era dedicada a D. Miguel I, o *Pai da Nação*, estando toda a sua vida e obra representada numa vintena de pinturas descomunais encomendadas para a ocasião. Todas as criancinhas tinham de aprender até à quarta classe — e a cabra da D. Clementina, com a palmatória que tanto gostava de usar, assegurara-se de que eu aprendera — como D. Miguel derrotara o irmão D. Pedro, o *Traidor*, em 1834, depois de uma guerra civil sangrenta. Logo no ano a seguir, o *Pai da Nação* recuperara o Brasil, numa campanha gloriosa que terminara com a captura de D. Pedro II, seu sobrinho. Com apenas dez anos, o infeliz filho do *Traidor* desapareceu, muitos dizendo que para apodrecer na prisão do Rochedo, diante da vila de Alverca. Nas décadas seguintes, enquanto tirava Portugal de uma mediocridade secular, vencia três guerras na América do Sul: a do Prata, do Uruguai e do Paraguai. Mais tarde, em 1869, o parlamento espanhol convidava-o a aceitar o trono de Espanha, que D. Miguel recusou, propondo, em seu lugar, o seu filho Miguel Januário de Bragança. Este, com apenas dezasseis anos, foi coroado em Madrid e, com um golpe de génio, o *Pai da Nação* assegurava que, quando falecesse, o filho herdaria também o trono português, ficando como monarca absoluto da União Ibérica.

Como devem calcular, não sou um entendido em arte, deixo isso para as mulheres e os rabetas, e a última vez que entrei num museu foi numa excursão da escola; mas aquelas telas impressionavam, pelo tamanho, pelo realismo, pela representação de D. Miguel I nos momentos críticos, ora com a espada, ora com a pena na mão. Estaquei o passo, li com gosto as inscrições, e reconheço que, por momentos, esqueci que não estava ali para passear. Acabei por sair do outro lado da galeria e atravessei uma praça até ao Palácio da Indústria. Os vestígios de um atentado levado a cabo naquela praça por uns sacanas liberais já tinham desaparecido. Tudo estava pintado, brilhante, a cheirar a novo, e ninguém imaginaria que houvera manchas de sangue naquele pavimento. Mas nem isso disfarçava a feiura do Palácio da Indústria. Era uma coisa medonha, descomunal, cheia do barulho de maquinaria, com mais de vinte associações industriais

representadas, e foi o cabo dos trabalhos para encontrar a de Lisboa. Mas quando encontrei, valeu a pena.

Lá estava ela, num estrado elevado, com um chapelinho que ainda não lhe vira na cabeça, um sorriso nos lábios vermelhos, a posar com mais três amigas no meio de modelos de máquinas de costura e enormes teares. Sem Valéria ali, as outras mulheres seriam beldades; assim, eram apenas vultos vagos que a rodeavam. Estaquei no meio do corredor como se me esquecesse de que tinha pernas para andar, mirando-a com aquele olhar imbecil que os homens fazem quando estão dispostos a loucuras. Felizmente uma campainha dentro da cabeça alertou-me desse facto e regresssei à sala anterior onde vira um bar. Pedi uma *Super Bock* gelada e acabei por beber duas. Obriguei-me a repetir algumas vezes que Valéria era uma cliente, que a nossa relação era estritamente profissional, que nem valia a pena eu fantasiar pois não tinha camioneta para toda aquela areia, e que provavelmente a tipa até tinha um parafuso a menos. Só depois regresssei ao salão. Ela continuava lá e encontrou-me com o olhar, acenando subtilmente para mim. Eu devolvi o aceno, mas ela já olhava para outro lado. A multidão parecia mais espessa onde ela se encontrava, como traças à procura da luz, e era constituída por homens de todas as idades, de olho guloso, demorando-se bem mais do que a maquinaria reluzente merecia. Dei a volta ao salão várias vezes, fumando sem parar, passando diante dos expositores das maiores associações industriais — Porto, Barcelona, Valência, São Paulo —, mirando as pessoas, tentando descobrir o tal homem misterioso, mas sem sorte.

O dia passou devagar, todo o corpo já me pesava, e ganhei um respeito adicional pelo trabalho daquelas mulheres, encavalitadas em saltos altos, com sorrisos fixos no rosto, fingindo que nada havia de mais excitante no mundo do que recostarem-se nas maquinarias para os *flashes* das câmaras e os piropos dos mais ousados. Ausentei-me apenas duas vezes: a primeira para ir ao sanitário e a outra para comprar uma cerveja e uma bifana — cara, mas que me soube que nem ginjas. Percebi logo que algo se passava quando regresssei; a boneca estava tensa, o sorriso vermelho, em vez de parecer desenhado a pincel, assemelhava-se a algo esculpido numa lápide. Empalidecera e procurava-me com os olhos. Nem consegui acabar a bifana, larguei tudo num caixote do lixo e procurei dirigir-me para onde o olhar dela apontava. Mas a exposição fora-se enchendo de gente ao longo do dia, sentia-me como um pedaço de madeira a tentar vencer a corrente, e optei por subir para o estrado. Não sei se é só comigo, mas quanto mais

olho para as pessoas, mais defeitos lhes descubro, e todos os homens que mirei me pareceram estúpidos e devassos o suficiente para serem potenciais estupradores noturnos. Ela aproximou-se de mim e sussurrou:

— Ele estava ali no canto, mas deixei de o ver...

— Tem a certeza que era o nosso homem?

— Lambeu os beiços enquanto me olhava.

— Vou ficar atento, docinho, quando chegar a hora de sair, eu sigo-a.

Mas aja normalmente, não me tente procurar.

Ela acenou e afastou-se, deixando-me envolto no cheiro do seu corpo, um misto de perfume caro e receio. Um segurança mal-encarado veio dizer-me que tinha de descer do estrado. Eu obedeci, quase tropecei a fazê-lo, e o tipo nem disfarçou o gozo.

Às cinco da tarde, as três mulheres foram substituídas e Valéria desapareceu numa porta que levava a algum tipo de camarim. Regressou pouco depois com um casaquinho sobre o vestido, uns sapatos baixos e a malinha que eu já lhe conhecia. Eu segui-a, tentando não a perder, o que não era fácil, pois se para ela a multidão se abria, para mim era o oposto, e tive de segurar o *fedora* na mão para não o perder. Há muitos anos que sigo todo o tipo de espertalhões, daqueles que não querem ser seguidos, e raramente me levam a melhor. Por isso, apesar de a bonequinha ter uma perna longa, e o mundo se abrir à sua passagem, como o Mar Vermelho diante de Maomé ou lá quem era, quando ela desceu as escadinhas do metro, eu estava pouco atrás.

Atravessámos a cidade em direção a leste, na mesma carruagem, e precisei de encurtar um pouco a distância para me certificar de que não a perdia. Tive tempo de olhar à volta e juro que houve tipos que não desviaram os olhos das suas curvas desde que entrou até que saiu, uns bons vinte minutos depois, na estação dos Pombais. Justiça lhe seja feita, a miúda não me procurou uma única vez com o olhar, como se confiasse que eu estava sempre perto. E estava. Subiu para a superfície, atravessou a rua, e entrou numa panificação para comprar um saquinho de pão. O empregado, com dentes de cavalo e óculos fundo de garrafa, desfez-se em sorrisos, mas pareceu-me menos a simpatia de quem lhe quer saltar para cima e mais a de quem já a conhece — devíamos estar no seu bairro. Pouco depois parou diante da porta de um prédio, procurou algo na bolsa e preparou-se para entrar. Um homem apareceu detrás de uma furgoneta e tocou-lhe no braço. Pensei logo que era o nosso homem misterioso, o *fodilhão da madrugada*, mas enganei-me. Ela sobressaltou-se, mas depois reconheceu-o, sorriu,

agarrou-lhe na mão e levou-o para dentro do edifício. Quando espreitei pela porta, o ascensor já os tinha levado para o segundo piso. Senti uma pontadazinha de inveja. Quem seria aquele marmanjo? Era alto e espadado, mas não particularmente bem-parecido, deixava a desejar quanto à indumentária, e confesso que imaginava Valéria do Rego nas mãozinhas de alguém com mais sofisticação. O que estariam a fazer os dois lá em cima? A escutar telefonia não era certamente. Sentia-me cansado, bem que podia regressar a casa; agora que a boneca estava acompanhada, não havia risco de acordar com o homem misterioso a arfar-lhe em cima. Mas percebi que era o azedume que me fazia pensar assim. Ela era minha cliente, pagara-me para a manter debaixo de olho, e era isso que eu ia fazer. O meu profissionalismo, ou talvez a simples vontade de a ver nua, fez-me dar a volta ao prédio e procurar umas escadas de incêndio. Na lateral do edifício, numa ruela apertada e negra, onde o barulho dos ares condicionados a gemer era intenso, encontrei um vagabundo de gabardina a fumar junto dos contentores do lixo. Dei-lhe uma nota pequena para que trepasse para cima deles e puxasse a escada, o que ele concluiu sem fazer uma pergunta. Subi com cautela, testando os degraus ferrugentos, pois não seria a primeira vez que caía de escadas como aquelas, que a incúria dos proprietários e a ausência de fiscalização municipal deixavam apodrecer até perderem serventia. Duas janelas do segundo piso tinham as luzes acesas e eu subi de mansinho. A primeira pertencia a uma cozinha, onde uma chaleira fumegava no fogão e as cortinas leves esvoaçavam pelas portadas abertas. Um gato negro apareceu no parapeito, bufou e ficou a mirar-me com um olhar diabólico. Chegava-me às narinas o cheiro a café e o perfume dela, como se acabada de sair do banho. Dei alguns passos para a janela do lado, onde o estore quase corrido apenas me deixava uma fresta para espreitar. Era um quarto de dormir e vi-a desfilarem em direção à cama, usando apenas uma camisa de dormir cor de *quero-fazer-sexo-contigo* e mais transparente que um vidro bem polido. Ajoelhou-se na cama a olhar para a porta, a massa de cabelos solta como a crina de uma égua selvagem, e o traseiro virado mesmo para mim. Era um traseiro imenso, redondo como um coração generoso, e podia sufocar um homem se ela decidisse sentar-se na cara dele. Foi essa visão que me entorpeceu, pois não ouvi passos ou sequer o ranger da plataforma; apenas quando o grandalhão me agarrou é que vi que já estava em cima de mim, só de ceroulas, um cigarro nos beiços, e as mãos fortes a segurarem-me a cabeça como um guarda-redes a preparar-se para chutar a bola para longe.

— Vou-te pôr a dormir, ratazana — foi tudo o que ouvi, antes de sentir um choque elétrico na cabeça e o corpo me desfalecer. Foi tão rápido que nem tive tempo de perder a ereção.

\* \* \*

Quando acordei, estava escuro como breu. Todo o corpo me doía e levantei-me às apalpadelas. Estava em cima de um montão de lixo e apenas percebi onde me encontrava pelo gemer dos ares condicionados. Olhei para cima e vi as escadas de incêndio.

— Se me der dois cigarros, ajudo-o a descer — disse uma voz que me fez pular. Era o vagabundo da gabardina.

— Como é que vim aqui parar? — perguntei, aceitando a mão que me estendeu.

Ele apontou para o alto e sorriu.

— A voar.

— A voar?

— Como uma pedra. Dois metros ao lado e eram os gatos-pingados que o vinham buscar.

A cabeça latejava-me como se experimentasse a rainha de todas as resacas. Dei-lhe dois mata-ratos, pois só fumo tabaco sem filtro, e perguntei:

— Há quanto tempo caí?

Revirou os olhos para pensar um bocado e depois disse:

— Há umas quatro horas.

La perguntar-lhe a razão de não me ter acordado antes, mas apercebi-me de que já era uma sorte ele não me ter roubado tudo e dado corda aos sapatos. Passei-lhe mais dois cigarros para a mão e cambaleei para a rua principal. Que a boneca tivesse uma tara em que me pagava para a ver enquanto fornicava gajos, ainda lhe podia perdoar. Mas que esses gajos me atrasassem de um segundo piso já era outra história. Conhecia alguns anões que não se importavam de ser arremessados — no Cais do Sodré havia até um bar que fazia disso a sua grande atração de sábado à noite —, mas para Ulisses Garcia essa hipótese não estava sequer em cima da mesa. Senti uma fúria. E depois senti um calafrio. Eu era tão estúpido, tão imensamente estúpido. Corri para a entrada do prédio e procurei a campainha dela. Havia dois botões no segundo piso, o dela era o da esquerda, mas eu não lhe chegava. A providência foi generosa e reparei que a porta estava apenas encostada. Lancei-me pelo átrio, subi as escadas até ao segundo

piso e bati com força na porta dela. Não demorou muito a abrir. Estava com a maquiagem borrada, os olhos vermelhos de quem chorara e, sobre a camisinha de dormir, vestia um robe que revelava mais do que escondia. Quando me viu, desatou num pranto e virou-me as costas. Fui atrás dela para a cozinha.

— Voltou a acontecer? — perguntei, num sussurro, já sabendo a resposta.

— Voltou a acontecer e você não fez nada — respondeu, deixando-se cair numa cadeira e cobrindo o rosto com as mãos.

— Como é que eu podia adivinhar que aquele tipo era *ele*?

Ela levantou o rosto e franziu as sobrancelhas, olhando-me com o que parecia ser desespero.

— Qual tipo? O que é que viu? Porque é que o deixou entrar em minha casa?

— Raios, você é que o convidou a entrar!

— Não fiz tal coisa — gritou-me, pondo-se de pé num salto, e eu pensei até que me ia bater.

Levantei as mãos para a apaziguar e falei com calma.

— Eu sei o que vi, docinho. Ele estava à sua espera lá em baixo, você até se sobressaltou quando ele apareceu, mas depois sorriu, agarrou-lhe na mão e trouxe-o cá para cima.

— Não me recordo de nada disso — disse, abanando a cabeça e voltando a sentar-se, as lágrimas correndo-lhe pelo rosto. — Não me recordo de nada...

Puxei de um lenço e passei-lho para a mão; ela chorou baba e ranho e acabou por reclinar a cabeça no meu ombro. Os soluços agitavam-lhe o peito solto e eu quase me senti mal por não conseguir desviar os olhos daqueles volumes que baloiçavam com a gravidade.

— E agora? — perguntou ela, as mãos apertando-me subitamente os ombros, como se eu fosse a única pessoa no mundo que a podia ajudar.

Agora eu devia abandonar o caso e pôr-me a milhas. A tipa era tão louca como o larilas do relógio ou a vidente do turbante. Tão louca quanto apetitosa, e isso significava um duplo perigo para mim.

— Acha que eu estou louca, Sr. Ulisses?

— Nem me passou pela cabeça, boneca.

— Quando conto às minhas amigas o que me anda a acontecer, acham que estou louca...

Gostava de poder dizer que foi o facto de ter contas a ajustar com o

tipo que me atirou da escada de incêndio que me fez decidir. Mas a verdade é que, quando se é detetive privado há uma dezena de anos, e já se surrou e foi surrado tantas vezes, não se levam essas coisas a peito. Por isso, a minha resposta só pode ter sido uma reação inconsciente à visão daqueles lábios carnudos a arfar junto do meu rosto.

— Vou a casa tomar um banho e regresso à exposição logo de seguida para ficar de olho em si. Pode acreditar, querida, se aquele tipo aparecer outra vez, caio-lhe em cima como uma parede de tijolos.

Percebi que a decisão era estúpida no momento em que as palavras me atravessaram os dentes, mas então já não havia nada a fazer. É como a minha mãezinha costuma dizer: entre duas decisões, é certo e sabido que me agarro sempre à que for pior para mim...